

A JANGADA DE PEDRA: DESLOCAMENTO NO SENTIDO DO SER

Elisa Cristina da Silva

Mestranda – PUC-SP

RESUMO:

Este artigo pretende traçar uma breve análise do romance **A Jangada de Pedra** (2006), de José Saramago, à luz do conceito de utopia e sua relação com a literatura, para então abordar o tema da busca pela completude do ser.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago, utopia, literatura

ABSTRACT:

This article intends to perform a brief analysis of José Saramago's novel **A Jangada de Pedra**, considering the concept of utopia and its relation to literature, in order to approach the theme of the search for the completeness of the being.

KEY WORDS: José Saramago, utopia, literature

José Saramago é um escritor experiente e consciente do fazer literário. Em seu romance **A Jangada de Pedra** (2006), nos apresenta um primoroso trabalho poético, que se revela por meio de sua consciência de produção que, por sua vez, reside na tradução que o autor faz do mundo por meio das palavras, as quais, articuladas, criam imagens, ambigüidades, metáforas, revelando sua concretude. Esses elementos conferem ao mundo textual seu caráter de ficção.

Como ficção, **A Jangada de Pedra** se apóia sobre uma relação bipolar que implica um jogo entre real e irreal e é a partir desta relação, por meio do trabalho com a linguagem, que José Saramago constrói o romance. A escolha do título, a pontuação irregular, as repetições, as explicações excessivas, as alusões, cortes e retomada de idéias, citações, metáforas, conduzem os personagens, e também o leitor, ao descobrimento de um novo mundo. Esse mundo, um microcosmo em forma de jangada, é o ponto de partida para uma aventura que conduzirá ao conhecimento do eu e do outro.

Partindo de um acontecimento inusitado, a ruptura da Península Ibérica do continente europeu e seu afastamento gradual em direção não estabelecida, Saramago vai lidar com um tema caro à literatura contemporânea: o homem isolado, seja no espaço múltiplo e muitas vezes caótico das cidades, seja na imensidão dos campos, em sua busca pela completude. Para poder falar desse homem, o autor cria a desordem, cria espaços de incertezas, que embora frágeis e imperfeitos, estão abertos a possibilidades.

O desequilíbrio inicial provoca a ação, rompendo a aparente estabilidade. Nesse sentido, a obra se apresenta como utópica, uma vez que a utopia alimenta nossas ações, pois, enquanto seres incompletos e insatisfeitos, aspiramos à unidade.

A palavra utopia, que tem origem grega e significa o não-lugar, foi amplamente divulgada a partir da publicação do livro **Utopia** do inglês Thomas More, em 1516. O conceito de utopia, entretanto, já era conhecido e inclusive é o que norteia **A República** de Platão como projeção de uma sociedade ideal. A utopia, sendo uma projeção, é um componente do imaginário, por isso é sempre uma forma de ficção, e neste ponto estabelece um laço estreito com a literatura.

Ainda que opere pela imaginação, a utopia se revela também um espaço de racionalidade, pois ela se projeta sobre a sociedade, ou seja, sobre o homem que expressa, cria e tem consciência de si e do mundo. Neste sentido, a utopia também se abre como um espaço de crítica, pois ela suscita reflexão.

Quase todas as utopias são críticas implícitas da civilização em que se enquadram e representam também uma tentativa de revelar potencialidades ignoradas pelas instituições em vigor ou soterradas debaixo de uma espessa crosta de costumes e tradições. (MUMFORD, 2007, p. 10)

As utopias são pensadas sempre em função do coletivo, pois o bem comum é o que garante a felicidade individual, porém, o que se nota nas utopias clássicas é que há um nível de arbitrariedade para se alcançar o ideal e a perfeição, pois elas cerceiam o direito de escolha, reprimem as diferenças e preferências individuais e inibem a liberdade.

A utopia como busca da perfeição conduz à estratificação, entretanto, só se tem a busca se há insatisfação. O homem é por natureza um ser insatisfeito e, por conseqüência, um ser buscador, que quer sempre novas conquistas, as quais lhe dão sentido para a vida. O que percebemos é que a utopia contém ambigüidades. Ela gera um processo de tensão no qual se conjugam o imaginário e a razão, o novo e o velho, o medo e o desejo, ou seja, não há dicotomia, mas coexistência dessas tensões para construção do novo. Conforme expressa Mumford:

(...) para além das instituições existentes, todas as comunidades possuem um reservatório de potencialidades, em parte enraizado no passado, vivo mas escondido, em parte brotando de novos cruzamentos e mutações, que abrem caminho a novos desenvolvimentos. (2007, p. 14)

Devido ao seu caráter ambíguo e por ser um território de tensões, a utopia se aproxima do literário também na medida em que dá margem à inquietação, à ruptura e a interpretações, dessa forma ela aponta para o estético, pois permite o enriquecimento do olhar.

E o homem lida com o estético desde tempos imemoriais, quando começou a produzir objetos que atendiam às suas necessidades vitais e outros que, aparentemente, não tinham utilidade para sua vida cotidiana, como o canto, a dança, a música, a pintura. Entretanto, esses objetos estranhos, essas manifestações, que chamamos de artísticas, são produzidos até os dias de hoje. E por que, com qual finalidade?

Esta é uma questão que se coloca também para a literatura, pois ela é uma criação humana que pode ser substituída pela história, pela reportagem de jornal, por exemplo, mas ainda assim, ocupamo-nos dela.

Quando refletimos sobre a literatura pensamos no problema da representação, ou seja, na tentativa de apreender ou recriar o mundo pela palavra, que é signo - uma forma de representação consciente que controlamos e dominamos para dizer algo. Os homens produzem signos porque isso faz parte da sua natureza, pois são seres incompletos, “desejantes”, insatisfeitos, nunca plenos, e buscam na representação uma tentativa de encontrar aquilo que lhes falta.

A literatura, por meio da representação, busca encontrar estratégias para preencher esta falta, e assim dar um sentido, um significado à vida, buscar aquilo que irá nos plenificar. Por isso, a literatura é tão importante, ela é o instrumento que permite ao homem criar estratégias para preencher os vazios.

Os homens não estão contentes com seu destino, e quase todos – ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou obscuros – gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar – trapaceiramente – esse apetite surgiu a ficção. Ela é escrita e lida para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignam a não ter. No embrião de todo romance ferve um inconformismo, pulsa um desejo insatisfeito. (LLOSA, 2004, p.12)

A literatura se coloca assim, além das nossas necessidades básicas, pois busca restaurar a inteireza dos homens, visto que somos seres em processo, em uma busca constante pela unidade, para que nossa vida tenha um sentido, ainda que fugaz. Conforme Vargas Llosa, “Sonho lúcido e fantasia encarnada, a ficção nos completa – a nós, seres mutilados, a quem foi imposta a atroz dicotomia de ter uma única vida, e os apetites e as fantasias de desejar outras mil”. (2004, p. 17)

A literatura é o meio que nos ajuda nessa busca e, nessa perspectiva ela é utópica, pois visa um alvo, almeja a totalidade, entretanto, consegue apreender apenas um aspecto desse todo. Território de tensões, a literatura, ao mesmo tempo em que busca tornar possível outros mundos, instaurar outro real, também é ausência, pois as lacunas que deixa revelam a inesgotabilidade das representações e das possibilidades de o homem criar. Conforme Vera Bastazin, “(...) a construção de uma utopia está atrelada à experiência de um tipo de vida que não nos satisfaz como seres sociais. A insatisfação é, sem dúvida, a mola propulsora para o imaginário” (2008, p. 3).

O ato de criação literária nasce no imaginário, mas passa pela razão, que tem consciência da palavra que quer ser, da palavra capaz de recuperar o mundo, e é aí que literatura e utopia se encontram. Isto fica claro na fala de Saramago:

Como escritor, creio não me ter separado jamais da minha consciência de cidadão. Considero que aonde vai um, deverá ir o outro. Não recorro ter escrito uma só palavra que estivesse em contradição com as convicções políticas que defendo, mas isso não significa que tenha posto alguma vez a literatura ao serviço directo da ideologia que é a minha. Quer dizer, isso sim, que ao escrever procuro, em cada palavra, exprimir a totalidade do homem que sou. (2009)

Ainda que não se pretenda engajada, a literatura de José Saramago revela a relação do escritor com sua ideologia e mais, sua fala, ambígua, marca sua própria utopia, a de que é possível exprimir a totalidade. Dessa forma, confirma-se o que diz Bastazin, que “Produção literária e utopia cruzam-se na história dos homens.” (2008, p.3)

É a partir de sua posição como homem social e escritor consciente do fazer literário que Saramago irá construir o percurso da jangada.

O escritor, se é pessoa do seu tempo, se não ficou ancorado no passado, há-de conhecer os problemas do tempo que lhe calhou viver. E que problemas são esses hoje? Que não estamos num mundo aceitável, bem pelo contrário, vivemos num mundo que está a ir de mal a pior e que humanamente não serve. Atenção, porém: que não se confunda o que reclamo com qualquer tipo de expressão moralizante,

com uma literatura que viesse dizer às pessoas como deveriam comportar-se. Estou a falar doutra coisa, da necessidade de conteúdos éticos sem nenhum traço de demagogia. E, condição fundamental, que não se separasse nunca da exigência de um ponto de vista crítico. (SARAMAGO, 2009)

A narrativa em **A Jangada de Pedra** tem início com uma sequência de fatos estranhos: Joana Carda risca o chão com uma vara de negrilho e os cães de Cerbère, que sempre foram mudos, começam a ladrar; Joaquim Sassa, ao lançar uma pesada pedra ao mar, se vê, por instantes, dono de uma força descomunal; Pedro Orce, no momento em que se levanta da cadeira, começa a sentir o chão tremer sob seus pés; José Anaiço passa a ser seguido por um bando de estorninhos onde quer que vá e Maria Guavaira põe-se a desfiar uma meia e o desenredamento parece não ter fim. Partindo desses “enigmas” a narrativa vai tecendo a história desses homens e mulheres, separados geograficamente, mas ligados por seus feitos.

Os fios que tecem a história servem como experiências mediadoras, pois os acontecimentos, embora fantásticos, apontam antes para o mito, pois são acontecimentos extraordinários, inaugurais, a partir dos quais os homens e mulheres irão buscar explicações e também sentido para suas vidas. A fala de Joana Carda resume este sentimento:

Se fui a Lisboa procurá-los, não terá sido tanto por causa dos insólitos a que estão ligados, mas porque os vi como pessoas separadas da lógica aparente do mundo, e assim precisamente eu me sinto, teria sido uma desilusão se não tivessem vindo comigo até aqui, mas vieram, pode ser que alguma coisa ainda tenha sentido, ou volte a tê-lo depois de o ter perdido todo (...) (SARAMAGO, 2006, p. 127)

A busca por respostas é o que os fará ver quem são e esse processo se dará a partir do fazer literário, que vai colocar as verdades entre parênteses, instaurando a ruptura como forma de abalar a configuração estabelecida da sociedade. Assim, ao separar-se do continente a narrativa aponta para o devir.

Então, a Península Ibérica moveu-se um pouco mais, um metro, dois metros, a experimentar as forças. (...) Houve depois uma pausa, sentiu-se passar nos ares um grande sopro, como a primeira respiração profunda de que acorda, e a massa de pedra e terra, coberta de cidades, aldeias, rios, bosques, fábricas, matos bravios, campos cultivados, com sua gente e os seus animais, começou a mover-se, barca que se afasta do porto e aponta ao mar outra vez desconhecido. (SARAMAGO, 2006, p. 39)

A partir de seu desprendimento e transformação em ilha/jangada, tem-se uma questão metonímica, a parte se transforma no todo, em um microuniverso que contém tudo o que o homem precisa para viver, ou pelo menos, para buscar esse viver/existir pleno. Como porto, o continente europeu era apenas lugar de passagem, por isso Saramago cria a possibilidade de dar à Península

Ibérica a chance de navegar mais uma vez rumo ao desconhecido, em uma nova viagem de descobrimento.

A Jangada de Pedra se constitui em uma grande metáfora da expectativa por um lugar melhor, em que homens, mulheres e a natureza convivam em harmonia e tenham a sensação de *pertencimento*. Por isso, o ato de deslocamento da Península sugere a construção de uma nova sociedade, que podemos chamar de ideal.

O romance vai criar novas posições, pessoais e geográficas, que serão assumidas diante do confronto com o desconhecido. Esse deslocamento se mostrará essencial para o espaço crítico, para ver a realidade de outra perspectiva, pois permitirá enxergar o espaço novo sem perder de vista o espaço de origem. Permite ver além do horizonte, extrapolando o limite entre o real e o imaginário.

A obra, além de criticar o conformismo e a alienação, também tratará a questão da península ter sempre estado à margem, não apenas geográfica, mas também politicamente, uma vez que os demais países a viam como “incompreensíveis povos ocidentais” (SARAMAGO, 2006, p. 139). A questão que se coloca está ligada ao sentimento de não-pertencimento da Península ao restante da Europa. Porém, dentre os europeus, há “inconformes e desassossegadas pessoas” (SARAMAGO, 2006, p. 139), em sua maioria jovens idealistas, que põem-se a divulgar o slogan “Nós também somos ibéricos” (SARAMAGO, 2006, p. 142), talvez porque não aceitassem sua situação presente e quisessem pertencer àquela jangada. A frase, aparentemente ingênua, ganha corpo, adquire *status* de movimento e espalha-se por vários países, no entanto, marcado pela revolta e desorganização, o movimento é contido pela força das autoridades, revelando que as lutas se ganham pela razão.

Para poder encontrar algo, primeiro se promove o distanciamento: a Península Ibérica, transformada em jangada, desloca-se em busca de sua própria identidade, um espaço para pertencer e ser. Ao mesmo tempo em que se tem este grande acontecimento, homens e mulheres, munidos de suas estranhas experiências, põem-se também em deslocamento, primeiro em busca de seus pares e depois em busca de algo maior, que é difícil precisar:

(...) nós aqui vamos andando sobre a península, a península navega sobre o mar, o mar roda com a terra a que pertence, e a terra vai rodando sobre si mesma, e, enquanto roda sobre si mesma, roda também à volta do sol (...) então o que eu pergunto, se não somos o extremo menor desta cadeia de movimentos dentro de movimentos, o que eu gostaria de saber é o que é que se move dentro de nós e para onde vai (...) (SARAMAGO, 2006, p. 234-235)

Assim é que os cinco personagens, de origens, línguas, profissões diversas, vão se encontrando ao longo da narrativa, cada qual aceitando sua experiência e também a dos outros, revelando-se abertos para novas possibilidades, pois como diz José Anaiço “Com o homem começa

o invisível” (SARAMAGO, 2006, p.235), que a cada um se revela na forma de Deus, da vontade, da inteligência, da história, etc.

Os fatos individuais os une e eles passam a agir coletivamente. No coletivo, cada um vai se reconhecer como indivíduo, ao mesmo tempo em que passam a ver e a apreender o outro. Eles começam a se conhecer no momento em que começam a conhecer e entender o outro, porque o outro os constitui, os completa. Nesse processo descobrem suas fraquezas e potencialidades, os limites entre o eu e o outro, o espaço individual e o coletivo. As fronteiras foram rompidas, mas elas são respeitadas no que tange a potencialidade e limite de cada um. É justamente isso que torna a convivência possível, é lidar com as tensões a partir daquilo que se sabe sobre o outro na busca do bem estar comum.

A instabilidade os tira do lugar de origem e os põe em movimento. Essa viagem os leva aos limites da jangada e então eles perfazem o caminho de volta, num movimento cíclico, em que a progressividade encontra-se dentro de um movimento infinito de eterno recomeço. O circular traduz a vida humana em sua totalidade e o personagem Pedro Orce talvez seja aquele que melhor represente esse movimento, pois sua morte encerra um ciclo, porém deixa plantada a semente para o futuro na possibilidade de ter engravidado duas mulheres, e também na sua história compartilhada com o grupo, do qual sempre será parte como memória. Ele planta a semente da reconstituição do mundo, como muitas outras foram plantadas na jangada, sugerindo o nascimento de uma nova estrutura social.

Esses homens e mulheres, como grupo, representam o homem geral, não datado. O grupo se liberta do mundo em que vive e, nesse sentido, a literatura abre caminho para o ser humano ultrapassar seus limites por meio do imaginário. Sendo possibilidade, a literatura aponta para o universal e para uma realidade que permite que o ser humano sonhe.

Em contato com a natureza e vivendo no coletivo, os personagens vão concretizando, cada um a seu tempo, vários encontros: com o amor, a amizade, a solidariedade, a natureza, valores novos e velhos, novos espaços e perspectivas, e vão encontrando na vida e na morte sentido de ser e pertencer, apontando para o devir, um espaço de projeção que é próprio da utopia.

A Península parou. Os viajantes descansarão aqui este dia, a noite e a manhã seguinte. (...) A viagem continua. (...) Os homens e a mulheres, estes, seguirão o seu caminho, que futuro, que tempo, que destino. A vara de negrilho está verde, talvez floresça no ano que vem. (SARAMAGO, 2006, p. 290-291)

O texto de Saramago traz a marca da incompletude, ele não se fecha, e ainda atualiza o conceito de utopia ao traçar a possibilidade de reconstrução do mundo pela palavra consciente.

Na maior parte das vezes, o texto vai em sentido oposto ao das utopias clássicas, buscando fugir do autoritarismo e da estaticidade que as marcam, sugerindo um recomeço, uma busca constante. Assim, ele ambigua o conceito de utopia pela busca do equilíbrio, pela neutralização dos extremos, tornando a convivência possível. O texto não se atém à construção de uma sociedade patriarcal, mas igualitária, em que as mulheres também são fortes e seus gestos muitas vezes capazes de mudar os rumos, pois o primeiro indício de ruptura é feminino e são as mulheres que darão a luz à nova sociedade.

A jangada, como representação de algo que foi tirado do homem, sugere o próprio ser partido e “desejante”. O processo de afastamento cria vazios e ao mesmo tempo possibilita a criação de estratégias de aproximação dos homens com aquilo que lhes falta ou que falta à própria Península – se sentir parte.

Assim como a jangada e seus personagens, a literatura também empreende uma busca. São buscas utópicas que apontam para as possibilidades do ser, como homem e como palavra. O mundo que se constrói pela palavra dá ao homem a chance de viver seu caráter humano em sua máxima potência, e é o que ocorre no texto, pois ao recolocar o homem em contato com a natureza e com a vida coletiva, ele passa a buscar e a criar novas perspectivas. Os personagens, ao distanciarem-se do continente, rompem fronteiras não apenas espaciais, mas também interiores, e vão aproximando-se cada vez mais do outro e de si mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. A utopia da linguagem. In: **Novos Ensaios Críticos**. São Paulo: Cultrix.

BASTAZIN, Vera. Utopia como escritura: deslocamentos entre escritor, crítico e leitor. In: **X Colóquio de Outono**. Braga, 2008.

LLOSA, Mario Vargas. **A Verdade das Mentiras**. São Paulo: Arx, 2004.

MUMFORD, Lewis. **História das Utopias**. Lisboa: Antígona, 2007.

SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Do sujeito sobre si mesmo**. 2009. Disponível em: <http://caderno.josesaramago.org/2009/07/07/do-sujeito-sobre-si-mesmo/>. Acesso em 07 jul. 2009.

SEGOLIN, Fernando. Narrativa e identidade: das origens mitopoéticas à contemporaneidade. In: **X Congresso Internacional da ABRALIC**. Rio de Janeiro, 2006.